



**UEPB**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS III OSMAR DE AQUINO**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**MARIA DALÉCIA DE LIMA BARBOSA**

***DANDARA E VOVÓ CENIRA: TECENDO SOBRE EMPODERAMENTO DA***  
***CRIANÇA NEGRA***

**GUARABIRA**  
**2019**

MARIA DALÉCIA DE LIMA BARBOSA

***DANDARA E VOVÓ CENIRA: TECENDO SOBRE EMPODERAMENTO DA CRIANÇA NEGRA***

Artigo apresentado como trabalho de Conclusão de Curso ao Departamento de Letras, como requisito para à obtenção do grau de Licenciada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Suely da Costa

**GUARABIRA  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B238d Barbosa, Maria Dalecia de Lima.  
Dandara e vovó Cenira [manuscrito] : tecendo sobre empoderamento da criança negra / Maria Dalecia de Lima Barbosa. - 2019.  
32 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa, Departamento de Letras - CH."  
1. Negro. 2. Empoderamento. 3. Ancestralidade. 4. Literatura Infantil. I. Título  
21. ed. CDD 372.4

MARIA DALÉCIA DE LIMA BARBOSA

**DANDARA E VOVÓ CENIRA: TECENDO SOBRE EMPODERAMENTO DA  
CRIANÇA NEGRA**

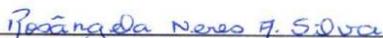
Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Aprovada em: 21/11/2019.

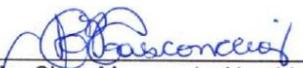
**BANCA EXAMINADORA**



Prof.ª Dr.ª Maria Suely da Costa (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Rosângela Neres de Araújo Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Dandara sendo questionada sobre o cabelo.....	19
Figura 2 - Reação de Dandara após sofrer racismo.....	21
Figura 3 - A Vovó Cenira.....	23

Agradeço ao esforço diário, ao amor a mim dedicado por toda a vida e por estarem ao meu lado, sempre, meus pais Damião Barbosa e Isete, vocês são meus maiores exemplos de vida. Dedico esse trabalho a vocês.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
1.1 Literatura Infantil Afro-Brasileira: breves considerações.....	11
<b>2. ASPECTOS SOBRE EMPODERAMENTO E ANCESTRALIDADE.....</b>	<b>15</b>
<b>3. <i>DANDARA E VOVÓ CENIRA</i>: ANCESTRALIDADE COMO PROCESSO DE EMPODERAMENTO.....</b>	<b>19</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>27</b>
<b>5. REFERÊNCIA .....</b>	<b>29</b>

# **DANDARA E VOVÓ CENIRA: TECENDO SOBRE EMPODERAMENTO DA CRIANÇA NEGRA**

Maria Dalécia de Lima Barbosa <sup>1</sup>

## **RESUMO**

Este artigo traz uma discussão em torno da representação da ancestralidade e questões de empoderamento do sujeito negro. O objeto de estudo em análise é a obra da literatura infantil intitulada *Dandara e vovó Cenira* (2019), da autora Livia da Silva Marques. O objetivo está em verificar como essa narrativa se pauta no empoderamento da criança negra a partir da sua ancestralidade. Para tanto, situa como embasamento teórico os estudos de Zilberman (2005), Gomes (2008), Hall (1996), Silva (2017), Guillen (2017), Santos (2008), Lima (2016) e Melo (2017) entre outros. Conclui-se o quão é relevante uma literatura voltada para o público infantil que discuta sobre o povo negro, possibilitando revelar para as crianças negras e não negras a importância de seus ancestrais. Assim também tratar da questão das belezas que existe na diversidade, de forma que seja criado um vínculo com os ancestrais fortalecendo as identidades.

**Palavras-chaves:** Negro. Empoderamento. Ancestralidade. Literatura Infantil.

## **ABSTRACT**

### **DANDARA AND GRANNY CENIRA: WEAVING ABOUT BLACK CHILD EMPOWERMENT**

This article provides a discussion on the representation of ancestry and the issues of empowerment of the individual in black. The object of the study is the work of a children's book titled, *Dandara, and grandmother, Cenira* (2019), the author Livia da Silva Marques. The goal is to see how such a narrative and agenda for the empowerment of the black child from their ancestors. To do so, is as a theoretical basis for the study of the Zilberman (2005), and Gomes (2008), Hall (1996), Smith (2017), He (2017), Saints (2008), Peru (2016), and Mello (2017) among other things. The conclusion is how is it relevant to a literature that is dedicated to the children that discuss about the black population, allowing you to reveal to the children of black and non-black women, the importance of one's ancestors. So also, in dealing with the issue of the beauty that there is in diversity, in order to establish a link with their ancestors and to strengthen their identity.

**Keywords:** Negro. empowerment. ancestry. Children's literature.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Licenciatura de Letras Português/ UEPB, e-mail: [dhalecia@hotmail.com](mailto:dhalecia@hotmail.com).

## 1. INTRODUÇÃO

O racismo acabou trazendo para a população negra uma situação de invisibilidade, colocando-a a margem da sociedade e contribuindo para o desenvolvimento de um sentimento de inferioridade e de negação da sua cor. Sendo assim, falar sobre o racismo tem sido cada vez mais necessário. De forma que questões relacionadas à identidade, à representação e à relação entre o que somos e como somos vistos tendem a estarem presentes em diversos meios.

Embora o negro continue ainda a ser vítima do pensamento colonial, pois esse pensamento se mantém enraizado em nossa sociedade, e os negros continuam sendo marcados pelos estigmas inventados, o Brasil se apoia no mito da democracia racial. Assim, muitos fazem de conta que o racismo não existe e tentam esquecer o passado escravocrata, naturalizando o racismo por meio de discursos mascarados de igualdade.

É sabido que grande parte da população brasileira se autodeclara preta ou parda, e esse é um dos motivos pelos quais precisamos debater sobre o racismo, além de se discutir o porquê desse número de auto-aceitação estar crescendo. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2012 a 2018, o número de declarados pretos aumentou quase cinco milhões no país, acredita-se que esse aumento de pessoas que se autodeclara é devido ao reforço das políticas afirmativas de cor e de raça.

Diante disso, ampliar a reflexão sobre o negro e valorizar a importância de respeitar a diversidade é papel da escola<sup>2</sup>, dos pais e de qualquer cidadão, seja negro ou não. É consenso que falar de identidade negra na educação infantil ainda tem sido um desafio, pois muitos docentes acreditam que, nesta fase, a criança ainda não é capaz de se perceber enquanto negra ou então não acreditam que suas práticas pedagógicas possam carregar atitudes racistas.

Diante do exposto, é objetivo desse estudo discutir sobre a ancestralidade e verificar como a narrativa literária em questão, *Dandara e Vovó Cenira*, obra de autoria Livia Marques, pauta o empoderamento da criança negra a partir da sua

---

<sup>2</sup> Há no Brasil uma legislação que trata da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas a Lei 10.639/03.

ancestralidade. Em função disso, tornam-se relevantes as questões em torno do racismo, ancestralidade e empoderamento.

A discussão sobre a identidade compõe os estudos de teorias sociais, desenraizando as velhas identidades e “fazendo surgir novas identidades e desconstruindo a ideia de sujeito uno” (HALL, 1996). Assim, do ponto de vista da ancestralidade, os descendentes da ancestralidade africana buscam elementos do passado para afirmarem uma identidade que já não é a mesma, que foi negada, de modo a promover a tradução de uma tradição cultural dos seus antecedentes e lutar por espaços que possibilitem a multiplicação dessa identidade. Nesse contexto, se inscreve a memória como um dos objetos da “capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes registros [...]” (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009, p. 2) os quais favorecem a preservação da informação e sua transmissão.

Outro ponto em destaque a ser pautado neste estudo se dá em torno da representatividade da criança negra na literatura infantil afro-brasileira, como essa literatura pode ajudar na leitura e conhecimentos de questões em torno do negro, sua cultura e aspectos identitários. Questões essas que possibilitarão compreender como a literatura infantil afro-brasileira pode ajudar às crianças negras na sua formação identitária de maneira positiva. Em função disso, este estudo traz como embasamento teórico os apontamentos de Zilberman (2005), Gomes (2008), Stuart Hall (1996), Silva (2017), Guillen (2017), Santos (2008), Lima (2016) e Melo (2017) entre outros.

Desde a chegada dos povos africanos no Brasil, sempre houve por parte destes uma grande resistência. É a partir dessas resistências, ao longo da história, que se constituíram grandes grupos, a exemplo do Movimento Negro Brasileiro que luta por direitos e reconhecimentos, obtendo conquistas. Uma dessas conquistas se deu com a Lei 10.639/03 a instituir a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira em todos os anos da vida escolar, tanto em escolas públicas como privadas. A partir de então, as escolas de educação básica passam a ter um documento legal a definir que:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a

cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL, 2003, p.1).

Um dos alcances positivos desta lei, no contexto nacional, está no fato de que a criança negra/afrodescendente precisa se sentir parte da sociedade para que assim, elas possam ascender e se enxergar como parte desta, e não como vítima, mas como parte integradora. Tão importante quanto denunciar a discriminação é compreender a história, mostrar os motivos positivos da cultura, a valorização sobre a beleza e a diversidade.

Nesse feito, a literatura pode colaborar no sentido possibilitar ao leitor/criança estar em contato com o conhecimento de uma forma lúdica, afastando as marcas estereotipadas, conhecidas ou não por ela. Assim também, considerando que os pontos de vista são sempre resultantes de vários enfoques que foram transmitidos por vários outros, para as crianças negras e não negras, contribui-se para que possam ter uma educação que as ajudem perceber que a cultura pode uni-las e não separá-las, esta deve se dar sob uma construção coletiva, em que todos dependem uns dos outros. Assim, “a aceitação da alteridade não é uma escolha, mas uma condição ontológica para podermos existir como humanos e condição fundamental para que a reversão do preconceito possa se dar” (FERREIRA, 2002, p.69-86).

### **1.1 A Literatura Infantil Afro-brasileira: breves considerações**

Ao verificar a origem da chamada Literatura Infantil, podemos perceber que sua gênese foi no século XVIII, nessa época alguns textos como contos de fada já estavam sendo adaptados para atender à educação das crianças, no sentido de transmitir valores morais para sua educação.

Outro momento importante e decisivo para os estudos de literatura voltada a crianças e jovens, está na segunda metade do século XIX, momento em que houve um desenvolvimento nos estudos pedagógicos e psicológicos voltados para a

criança. Alguns autores, já nessa época, ainda se interessavam pela literatura como forma de educação para as crianças, como exemplo, podemos citar Perrault e a Condessa de Ségur, cujas obras centravam em uma intenção de transmitir valores morais. Contudo, a literatura infantil não tinha interesse maior no carácter lúdico como algo importante para o desenvolvimento da criança.

Conforme Zilberman (2005) aponta no final do século XIX, o surgimento dos primeiros livros infantis veio para atender às solicitações, indiretamente formuladas, de um determinado grupo social emergente, uma classe média urbana em ascensão. Nesse contexto, o entendimento, segundo Horta (2010, p.34), era de que:

O livro nas mãos de uma criança pode ser fundamental para o seu desenvolvimento intelectual e psicológico, fazendo com que reconheça a si próprio nas obras. Esse reconhecimento só é possível quando a literatura expressa para o pequeno leitor algum ponto de ligação com o mundo que o cerca e com o qual ele possa identificar-se.

De cunho pedagogizante e moralizante, a influência no Brasil da literatura clássica europeia, via as fábulas nos modelos La Fontaine, Charles Perrault e outros. De acordo com Lajolo e Zilberman (1986, p.34),

Via de regra, a imagem da criança presente em textos desta época é estereotipada, quer como virtuosa de comportamento exemplar quer como negligente e cruel. Além de estereotipada, essa imagem é anacrônica em relação ao que a psicologia da época afirmava a respeito da criança. Além disso, é comum também que esses textos infantis envolvam a criança que os protagoniza em situações igualmente modelares de aprendizagem: lendo um livro, ouvindo histórias edificantes, tendo conversas educativas com pais e professores. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1986, p. 34)

Antes vista como adulto, a criança passa então a ser vista com o indivíduo que precisa de cuidados, adquirindo maior visibilidade na sociedade, situação que passou a exigir das produções literárias um olhar específico para o desenvolvimento da infância. A criança passa agora a ser objeto de atenção nas áreas de sociologia, psicologia e educação, dando mais ênfase no desenvolvimento e as necessidades das crianças. Isso segundo Bettelheim (2002, p.8).

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento - superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, e um sentido de obrigação moral - a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. (BETTELHEIM, 2002, p.8)

A literatura infantil tem sido, pois, reconhecida como um gênero de muita importância para o desenvolvimento da criança, ajudando na sua formação crítica-leitora como também na escrita. De acordo com Silva (2010), ler e ouvir histórias permite que a criança desenvolva seu campo de conhecimento, tanto na língua escrita, quanto na oralidade. Há a compreensão de que, quando bem desenvolvida, a leitura pode ajudar até mesmo na construção do seu caráter, uma vez que concorrem para isso o exercício das capacidades humanas de análise e reflexão.

Vê-se, pois, a importância das crianças terem esse contato com o universo ficcional. A literatura infantil pode ajudar a criança a desenvolver sua personalidade, formar sua própria consciência e valores, isso porque os livros literários mantêm uma estrutura no nível simbólico para o ser e viver a infância com a afirmação e possibilidades de ser criança.

Quando se escreve uma história passa-se uma mensagem dentro de fragmentos da realidade vivida por pessoas, alguns desses fragmentos são maiores que outros, detêm também: personalidades, valores, estados físicos e mentais, que por sua vez transitam entre ficção e realidade como descreve Melo (2017, p.08) afirma que o Brasil, ao longo do tempo, fora influenciado por uma literatura marcada por uma onda de valores, sendo o texto infantil um propagador de preceitos e normas comportamentais. Contudo, devido a várias transformações e acontecimentos, a literatura acaba sofrendo mudanças, a linguagem e as histórias começam ficar mais próxima do cotidiano.

Mesmo depois do processo abolicionista da “escravidão” no Brasil, mudar uma cultura colonial escravocrata não seria fácil, a visão do negro escravo e inferior estava presente na formação dessa colônia, segundo Araújo (2011), na década de 1920, com Monteiro Lobato, a literatura então destinada à infância ganha ares inventivos e originais, apesar de todo o racismo empregado na construção das personagens negras. De acordo com Jovino (2006), no final da década de 1920 e início da década de 1930, começaram a aparecer as personagens negras, mas ainda não eram vistas com uma visão positiva, quando tratavam do negro era sempre como analfabeto, ignorante e subalterno. Um ser visto como objeto que, somente mais tarde, passa a ter uma representação como sujeito, através de uma literatura de negação aos velhos estereótipos (PROENÇA FILHO, 2004). Depois

devido as representações importantes na história de pessoas começam a apresentar uma nova visão para o negro que agora aparece como sujeito.

Há uma participação inquestionável do negro dentro da literatura, como apresentando em Jovino (2006), e agora reafirmado em Souza (2005), o negro está presente desde os primórdios, tanto na história quanto na literatura. Porém, o que ocorre é uma sucessão de poetas e romancistas que representam o negro de forma estereotipada e inferiorizada. Os negros sempre eram descritos como violentos, preguiçosos, cheios de malandragem, feiura entre outros adjetivos pejorativos.

No contexto brasileiro, a literatura infantil se constitui em um gênero que sofreu transformações sociais e repercussões no meio artístico. Segundo Zilberman (2005), esta teve grande influência dos Europeus, dos autores como Charles Perrault, na França; Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), os irmãos, na Alemanha, transcreviam as obras e publicavam, visando o alcance ao público infantil.

Quanto à representação do negro nas produções Literárias infantis, na maior parte das vezes, tem sido posta em condição inferior ao branco, sempre de maneira inferiorizada, depreciativa, pejorativa e até em situações humilhantes. Um exemplo disso se dá quando da representação do bem e do mal, cabe à personagem negra, muitas vezes, representar o mal. No contexto contemporâneo é que podemos encontrar obras da literatura infantil focada em denunciar as injustiças sociais e resgatar os valores humanos, ao contrário daquelas que, conscientemente ou não, reforçam os preconceitos étnico-raciais, bem como os estereótipos:

Atualmente, os textos voltados para o público infanto-juvenil, buscam romper com as representações que inferiorizam os negros e sua cultura. As obras os retratam em situações comuns do cotidiano, enfrentando preconceitos, resgatando sua identidade e valorizando suas tradições religiosas, mitológicas e a oralidade africana. (SANTOS; REIS, 2011 p.45).

Dentre as produções da literatura afro-brasileira já podemos encontrar alguns escritores que trazem em seus textos o reconhecimento da identidade racial afro, com o intuito de fortalecer o debate sobre alguns temas, discriminações sofridas por crianças negras. Dentre estes escritores podemos destacar: Elisa Lucinda, que tem mais de 17 publicações entre poemas, romances, peças teatrais e literatura infantil; Junião, *Meu Pai Vai Me Buscar na Escola* (2016); Kiusam de Oliveira é autora de quatro livros entre eles *O mundo no black power de Tayó*; Neusa Baptista Pinto, seu

primeiro livro *Cabelo Ruim?*(2007); Carmem Lúcia Campos tem diversos títulos infantis e entre eles está *A Bisa Fala Cada Coisa*; Ana Maria Machado, *Menina Bonita do Laço de Fita* (2005); Lucimar Rosa Dias, *Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!* (2014); Patrícia Santana, *Minha mãe é negra sim!* (2008); Arlene Holanda, *Todas as cores do negro* (2008); Aparecida de Jesus Ferreira, *As bonecas negras de Lara* (2017) entre outros.

Toda essa produção literária revela o quanto é importante apresentar às crianças livros que tenham personagens negros (as) de forma positiva, levando para as crianças negras e não negras reflexões e discussões para que elas possam compreender sobre as etnias. De acordo com Luz (2018, p. 24), a literatura infantil “estimula” a criança “a vivenciar uma aventura” e a partir disso, ela faz relações entre fantasia e realidade. As narrativas tendem a apresentar personagens das várias raças, abordando frontalmente ao problema do racismo, considerado como uma das grandes injustiças humanas e sociais.

A literatura Afro-brasileira deve ser valorizada em suas riquezas de abordagem e significados. É preciso que haja disposição política para ser trabalhada de forma adequada; também é preciso levar essa literatura para a sala de aula. Essa nova literatura busca acabar com as representações negativas sobre o negro, mostrando situações do dia a dia desses, como sofrer preconceitos, contar suas conquistas, resgate de suas identidades, religião, entre outras.

## **2. ASPECTOS SOBRE EMPODERAMENTO E ANCESTRALIDADE**

A construção do empoderamento, na perspectiva histórica e seus múltiplos sentidos, advêm de várias origens. O conceito do empoderamento ganha destaque na década de 1970. No Brasil, de acordo com Wandausen e Kleba (2009), são empregados em dois sentidos a palavra: o primeiro está ligado ao processo de mobilização e práticas que pretendem impulsionar grupos à melhoria de condições de vida; o segundo procura promover a integração dos excluídos. Segundo (BAQUERO, 2005, p.73 *apud* ROMANINI, 2014, p.85), “o conceito de *empowerment* só passou a expressar a luta por Direitos civis de negros, mulheres e homossexuais, por exemplo, a partir da segunda metade do século XX.”

De acordo com Silva (2017, p. 23) “empoderar também é uma ação coletiva de participação em debates e que visa uma consciência sobre os direitos de todos,

em especial os grupos considerados minoritários.” Este tira o sujeito da situação de subordinado e dá novos papéis proporcionando a ele uma nova posição.

Desse modo, podemos entender o empoderamento como uma forma de conscientização, pois quando o sujeito não tem consciência dos seus direitos, ele não consegue ter iniciativa e autonomia, acreditando naquilo que lhe dizem, mas quando ele passa a ter conhecimento e se conscientiza dos seus direitos, começa a entrar no processo de empoderamento. Nessa perspectiva, Ribeiro enfatiza que:

O empoderamento não pode ser algo auto centrado dentro de uma visão liberal, ou ser somente a transferência de poder, é além, significa ter consciência dos problemas que nos aflige e criar mecanismos de combatê-lo. Quando uma mulher empodera a si tem condições de empoderar a outras. (RIBEIRO, 2015, s/p).

Ribeiro ressalta a importância do empoderamento das mulheres. Entretanto serve também para diversos outros casos e pessoas. Afirma ser também preciso saber o que nos aflige, para então conseguirmos enfrentar determinado problema. Isso porque o empoderamento não pode ser apenas uma forma de passar poder para outra pessoa, mas dá-la consciência para saber agir em determinadas situações. De modo que é possível comparar o ato de empoderar com a liberdade que qualquer pessoa pode adquirir. (LIMA, 2016).

De acordo com Hall (2011) a identidade é algo que se constrói, é imutável e estar sempre em construção. Como ele afirma “Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’” (Hall, 2011, p. 38).

Assim, uma maneira de quebrar as barreiras impostas pelos padrões sociais pode se dar através do empoderamento infantil, mostrando desde cedo para as crianças que elas não precisam necessariamente seguir um padrão, mas sim que devem aprender a se amar da sua maneira. Para isso, é muito importante que conheçam a história das suas raízes e se orgulhem das conquistas alcançadas pelo seu povo, como a exemplo do livro *Dandara e vovó Cenira* que aborda a temática da ancestralidade e o quanto seus povos foram e são importantes para a sociedade. A vovó Cenira cuida em repassar seus conhecimentos adquiridos de seus ancestrais para sua neta Dandara, dando a ela a chance de conhecer a história dos seus descendentes africanos.

Hoje podemos encontrar muitos livros de literatura infantil que trazem essa discussão sobre a identidade racial da criança negra, a exemplo de: *As bonecas*

*Negras de Lara*, de Aparecida de Jesus Ferreira (2017); “Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!” de Lucimar Rosa Dias (2014); “Menina bonita do laço de Fita” de Ana Maria Machado (2005); “Betina” de Nilma Lino Gomes (2009), dentre outros que abordam a temática de reconhecimento da identidade étnicorracial.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), 54% da população do Brasil se autodeclara como preta e parda. E esse é um dos principais motivos que torna preciso e fundamental que se discuta sobre esse assunto nos mais diversos suportes.

Quanto à relevância de se destacar a representação do negro ao longo da história, Guillen (2013, p.2) ressalta que “os ancestrais foram aqueles, homens ou mulheres, que viveram uma vida exemplar e nesse sentido, têm desempenhado um importante papel para muitos militantes do movimento negro”. Nota-se, que foram homens e mulheres que no passado lutaram e resistiram, e servem como exemplo para os que hoje lutam. Nesse sentido, é de grande importância transmitir para nossas crianças negras e brancas o papel que essas pessoas representam na sociedade.

Para Stuart Hall (1996) os ancestrais tem uma ligação direta com homens e mulheres contemporâneos e com a África mítica, e compara essa ligação como um filho ao útero de uma mãe. Por sua vez, Guillen (2013, p.4) ressalta que “a ancestralidade é um modo positivo de lidar com diversas questões que convergem e que são dirigidas à construção de soluções para problemas como o combate ao racismo e afirmação de identidade negra”. Isso porque a ancestralidade está expressa por vários meios, como canções, dialetos, idiomas, religiosidade, literatura, dentre outros.

Daí a grande importância das obras infantis pautarem representações de personagens negras, uma vez que, conforme afirma Horta (2010, p.7), “a falta de representação da criança negra fará com que a diversidade não seja contemplada e o processo de branqueamento acabe por deturpar as identidades em formação dos pequenos leitores.” Desse modo, não se deve negar para as crianças conteúdos que falem sobre as histórias dos seus antepassados, sob pena de que cresçam sem conhecimento referentes e sem identidade. É esse tipo de literatura que Oliveira (2018) nos apresenta que deve ser ofertado as crianças negras, no sentido de que estas sejam valorizadas. Segundo a referida autora:

Tenho chamado o tipo de literatura que produzo de “Literatura Negra do Encantamento”, Ela está focada na ancestralidade e no fortalecimento das identidades negras. Ela é capaz de atingir as estruturas psíquicas mais profundas de jovens e crianças negras (...). Também apresento adultos negros que representam o belo, o positivo, um padrão de beleza afro centrado, desvalorizado na sociedade em geral. Mas que no campo da fantasia dos meus livros é extremamente valorizado<sup>3</sup>.

Tem-se, pois, a relevância quanto ao reconhecimento da valorização da literatura infanto-juvenil, principalmente as que apresentam temáticas culturais afro-brasileiras, obras que ajudam as crianças negras e não negras a verificarem aspectos sobre identidade. Assim, possibilita-se que as crianças não negras aprendam a valorizar outras culturas e a respeitar a questão da cor, do cabelo diferenciados. Em função disso, concordamos com Oliveira (2018) quando afirma que:

É fundamental resgatar as histórias africanas, porque se trata de tesouros preservados pela oralidade e que são retificadas no cotidiano de diversas formas. “Até que os leões tenham suas histórias, os contos de caça glorificarão sempre o caçador”. Para mim, esse provérbio africano diz tudo, com pouquíssimas palavras<sup>4</sup>.

Sendo assim, observamos ser importante que as crianças negras tenham contato com histórias que revelem a beleza do povo negro, possibilitando o entendimento da etnia e enfatizando a beleza de suas características físicas e culturais. Dessa forma, também estará proporcionando a oportunidade para as pessoas refletirem sobre a sociedade racista em qual vivemos, e entendam que há outros e diversos padrões de beleza e cultura.

Assim, a literatura infantil é decisiva na formação da criança em relação ao mundo que a cerca e em relação a si mesma. Está em contato com textos que abordem a diversidade humana, pode-se ter como parâmetro a necessidade da importância, que diferencia os seres humanos. Compreender o passado ajuda na percepção de situações do cotidiano, que revelam a desigualdade e semelhanças entre os negros e os brancos, enquanto seres sociais na construção cultural de suas ideologias.

---

<sup>3</sup> Entrevista dada sobre o tema “Autora valoriza cultura afro para empoderar crianças”. Disponível em: [www.primistili.com.br](http://www.primistili.com.br), acesso em: 18/09/2019

<sup>4</sup> Entrevista com discussão com o tema “Autora valoriza cultura afro para empoderar crianças”. Disponível em: [www.primistili.com.br](http://www.primistili.com.br) acesso em: 18/09/2019

### 3. DANDARA E VOVÓ CENIRA: ANCESTRALIDADE COMO PROCESSO DE EMPODERAMENTO

A narrativa *Dandara e Vovó Cenira*, de autoria de Livia Marques, é uma obra literária infantil contemporânea, que chama a atenção tanto pela estrutura composicional do livro, repleto de ilustração, quanto pelo assunto abordado uma vez que retrata a temática do racismo no contexto escolar, dando ênfase para a importância do conhecimento das raízes ancestrais.

O enredo gira em torno da história de vida de uma menina chamada Dandara, de 11 anos, que gostava de participar das atividades escolares e adorava cultura. Mas em um determinado dia, no parquinho, um coleguinha diz: “— Eu não entendo por que seu cabelo é assim” [...] “— Não está vendo que você é diferente das meninas que estão aqui no clube?” (MARQUES, 2019, s/n). A partir desse momento, a menina começa a desenvolver um comportamento diferente, causando preocupação aos pais, então eles pensam em uma forma de ajudá-la. Para isso, resolvem levá-la para casa da avó Cenira, é lá que sua avó fala de seus ancestrais e como aprendeu a gostar de seu cabelo e suas feições.

Figura 4 - Dandara sendo questionada sobre o cabelo.



Fonte: *Dandara e Vovó Cenira A descoberta de si e da ancestralidade* (2019).

São perceptíveis três etapas na obra. A primeira traz a questão do racismo na qual o narrador começa a falar da menina que sofre preconceito no parquinho por conta de seu cabelo. De acordo com Gomes (2002, p.8 apud SANTOS 2018, p.2) sobre essa questão afirma: “o cabelo é uma forte marca identitária e em algumas situações, continua sendo visto como marca de inferioridade.” Isso porque, os brancos criaram marcas dos estereótipos sobre o corpo negro, e disso, alimenta-se o racismo. O pensamento estereotipado sobre a África fora passado ao longo da história, tornando-se a base para sustentar o racismo. Com efeito, muitos homens e mulheres negros buscaram se enquadrar dentro do padrão que os brancos racistas os impuseram. Em vista disso, segundo Santos (2008, p.05):

No Brasil, os estereótipos criados pelo colonizador branco sobre o negro se perpetuaram e permanecem até os dias de hoje, o corpo negro continua carregando a marca da marginalização e da inferioridade. “O pensamento colonial sobre o negro ainda continua enraizado em nossa sociedade, o corpo negro continua a ser marcado pelos estigmas inventados”. (SANTOS, 2008, p.05).

Contudo, no contexto atual, a reflexão sobre o ser negro quem tem alimentado as representações identitárias sob uma nova dinâmica e novas possibilidades também no contexto literário. Com efeito,

No Brasil o cabelo e a cor da pele são largamente usados como critérios de classificação social, isto é, para apontar quem é negro e quem é branco em nossa sociedade, juntos representam a simbologia da identidade negra no país, pois, “possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra” (GOMES, 2006, p.20).

É preciso estar ciente da importância da aceitação da raça negra. E o cabelo afrodescendente é a parte que está ligada ao perfil estético e da identidade da raça negra. O cabelo crespo é uma das marcas mais característica do negro, e a sociedade racista criou estereótipos negativos sobre este, mais uma vez tentando inferiorizar o negro. Na narrativa em questão, quando o coleguinha de Dandara a questiona sobre o seu cabelo ser diferente das outras meninas, ela acha estranho e fala: “— Meu cabelo sempre foi assim; aliás, eu uso de várias formas.” (MARQUES, 2019, s/n), podemos perceber que ela, a criança, assume seu cabelo, porém devido ao questionamento do seu colega cria certa rejeição do seu eu. É o que Lody (2004), nos fala nessa citação:

O cabelo é um marcante indício de procedência étnica, é um dos principais elementos biotipológicos na construção da pessoa na cultura. O negro quando assume o seu cabelo de negro assume também o seu papel na sociedade como uma pessoa negra. E ser negro no Brasil e no mundo, convenhamos, é ainda um duro caminho trilhado por milhares de afro descendentes. (LODY, R. 2004, p.125).

De certo modo, é o que acontece com Dandara, pois ela se aceita como negra e assume seu cabelo, mas como o Lody aponta na citação acima este é um caminho duro de ser trilhado, ainda, mas para uma criança.

Dandara, ao chegar em casa, pediu ao pai para ficar um pouco na internet, e em um site de busca colocou: “—Cabelos mais lindos”. “Lá ela achou várias mulheres com variados tipos de cabelo”. (MARQUES, 2019, s/n). Porém igual ao de seus familiares não encontrou nenhum. Essa cena carrega consigo uma carga de frustrações da menina com seu próprio eu. Essa percepção criada pela menina de que seu cabelo é “ruim” se deu devido ao comentário recebido, internalizando como verdade que seu cabelo era “ruim” enquanto o liso era o ideal e “bom”. Essa caracterização internaliza as marcas do preconceito via padrão de beleza aceito, sendo o outro negado.

O recorte citado possibilita aos leitores, sejam crianças ou adolescentes, compreenderem como funciona a discriminação em um país em que a miscigenação é característica principal dos habitantes. Na trama narrativa aparece a rejeição da criança com sua cor e cabelo, devido à situação ocorrida no parquinho. Momento em que a frustração com seu próprio eu pode acarretar a não aceitabilidade, conforme personagem afirma: “— Mamãe, eu não quero ser diferente! Não quero mais esse cabelo e quero um removedor de tinta!”. (MARQUES, 2019, s/n).

**Figura 5 - Reação de Dandara após sofrer racismo.**



Fonte: Dandara e Vovó Cenira A descoberta de si e da ancestralidade (2019).

De acordo com Gomes (2002), o cabelo negro na sociedade brasileira reflete um conflito racial, vivido por negros e brancos, também acrescenta que o cabelo do negro visto como “ruim” é uma expressão do racismo e da desigualdade social que o recai sobre este sujeito. No Brasil o cabelo afro ainda é a característica que mais causa expressões de racismo.

Usar o cabelo natural, portanto pode ser um símbolo de identidade como também de resistência e liberdade. Assim, é de suma importância criar ações que ajudem a desconstruir esses adjetivos pejorativos causadores de exclusão do negro. Segundo Gomes (2008, p.49).

[...] no movimento dialético das relações sociais, a ação do racismo sobre os negros resulta em formas variadas, sutis e explícitas de reação e resistência. Nesse contexto, o cabelo e a cor da pele podem sair do lugar da inferioridade e ocupar o lugar da beleza negra, assumindo uma significação política. (GOMES, 2008, p.49)

Desse modo, é preciso constantemente desconstruir esse preconceito, mesmo que de forma sutil, pois terá o reposicionamento das características identitárias do negro. É para isso que a lei 10.639/03 pontua o combate aos preconceitos sofridos pelos negros no Brasil, uma tentativa de minimizar e trazer para dentro da sociedade a cultura negra e seus feitos, que foram calados por séculos.

Um segundo aspecto de destaque na narrativa em questão é dado por meio da Ancestralidade apresentada pela Vó Cenira, que traz um olhar diferente daquele que a menina tem sobre sua raça, envolto por um sentimento de desvalorização. A vó Cenira enfatiza, através de sua voz, a importância da história de seus ancestrais, deixando bem claro que é fundamental conhecer as raízes e manter laços com os familiares.

De acordo com Iyagunã (2013, p.66 *apud* ARAÚJO, 2019, p.115).

Os “mestres da palavra” ou, nas palavras de Dalzira Maria Aparecida Iyagunã (2013), os “mais velhos” são aqueles responsáveis pela transmissão do conhecimento aos mais jovens: “quanto mais velho mais sábio. Tanto é que a criança e o jovem ouviam os velhos e lhes devotavam respeito” (IYAGUNÃ, 2013, p. 66).

**Figura 6 - A Vovó Cenira**

Fonte: Dandara e Vovó Cenira A descoberta de si e da ancestralidade (2019).

Observemos alguns trechos da narrativa em destaque. A vovó Cenira, fala que desde criança, foi muito incentivada por sua mãe, e que usava muitos adereços no cabelo. Depois de mais velha, gostava de tranças e coques. Fazia uma arte em seus lindos cabelos fofinhos, agora já bem branquinhos e cheios de estilo. Essa é a forma como ela mantém a ligação com os seus ancestrais, nas lembranças de sua mãe e tudo que aprendeu com ela.

Falar de ancestrais africanos é referir-se ao todo, sabendo que os ancestrais podem existir indiretamente ou diretamente. Nas palavras de Somé (2003, p.28), “Pode ser uma árvore (...). É possível que seja um riacho correndo longe. Portanto, o que importa é compreender que qualquer pessoa que perdeu o corpo físico é um potencial ancestral”. Dandara chega à casa de sua avó com o cabelo bem esticado feito um coque, e logo pedi para ela fazer um penteado em seu cabelo igual o que estava usando: “(...) – Que bom ver você, vovó!” Seu cabelo está muito fofinho com uma tira de capim dourado na trança que é a coisa mais linda desse mundo!”. Avó já mostra à neta os penteados que tinha feito em suas priminhas. (MARQUES, 2019,

s/n). Assim, a avó é a primeira pessoa que serve como referência para Dandara. Ao fazer o penteado, a avó Cenira diz à menina que aprendeu aquele penteado com seus ancestrais africanos, não apenas os penteados, como também a gostar de seu cabelo e das suas feições.

Do ponto de vista da experiência com ancestrais, Santos (2018) observa o quanto é importante ter alguém que fale sobre o ser negro o quanto é fundamental que as crianças saibam:

Não me recordo quando criança de um modelo positivo de homem negro na televisão, em livros ou filmes que me representassem, porém em casa, tinha a imagem do meu pai, ele era a representação de homem negro mais próximo de mim e foi por causa de sua posição enquanto homem negro assumindo a sua ancestralidade e de suas conversas que me tornei negro na infância. (SANTOS, 2018, p.08).

Desse modo, chamam a atenção o quão é importante se ter pessoas que apresentem para as crianças negras as possibilidades de enfrentamentos para com o racismo, revelando as potencialidades de ser negro. Exemplo posto da narrativa em análise, ao trazer papéis positivos e representativos do negro. Quando não se tem uma representação positiva do negro, e somente é mostrado para as crianças apenas livros, filmes sobre o branco, por exemplo, acaba-se criando uma sensação de que os padrões bonitos e belos são apenas aqueles a elas apresentados. O que reforça e dá base a um contexto propício para crescerem com a ideia do branqueamento, acreditando que só chegando próximo a esse padrão é que serão aceitas.

Na narrativa, ver-se que a mãe de Dandara não usava o cabelo como a vovó Cenira, as tias e primas de sua filha. Dandara, então fala a sua mãe que ela é tão linda e que deveria fazer um penteado também. A mãe, ao perceber a felicidade da menina, decidiu soltar os cabelos e fazer um penteado. A partir de então a criança afirma: mãe: “– Mãe! Você tem o cabelo lindo! Igual ao da vovó, só não é branquinho” (MARQUES, 2019, s/n.). O narrador deixa claro que nesse momento a mãe percebe que pode ser um referencial para a filha.

É muito difícil, de fato, crianças negras se reconhecerem dentro da sua origem e cultura se isso não for posto a elas. Estabelecendo uma comparação, vejamos o depoimento de uma garotinha que tem muito haver com a história da

narrativa em questão, só que ao contrário de Dandara, ela não chora, e afirma sua identidade e sua raiz:

Ontem uma amiguinha minha falou: - Oh Carol porque seu cabelo é duro? - Nada, meu cabelo não é duro não. - Meu cabelo não é duro! Sabe o que é duro? Ter que ficar aguentando pessoas ignorantes chamando meu cabelo de duro. No dia seguinte, outra amiguinha,- oh Carol você acha que meu cabelo ficou bonito assim de chapa? - Ficou! Ela: - E por que você não faz no seu também? Quer que eu faça pra você? - Não, você está doida! Eu gosto do meu cabelo assim, pra cima, volumoso eu acho meu cabelo muito bonito assim. (CAROLINE MONTEIRO, 2015).<sup>5</sup>

O depoimento de Caroline Monteiro youtuber com mais de 30 mil seguidores, possibilita a reflexão sobre a valorização racial da beleza negra. A garota gosta de seu cabelo crespo, e isso demonstra que ela se reconhece pertencente à identidade étnico-racial negra. Daí negar querer mudar sua aparência, pois se acha bonita. Gomes (2008) afirma que o comportamento de aceitar o cabelo afrodescendente muitas vezes pode-se associar ao conhecimento como também a aceitação das raízes africanas.

(...) o estilo do cabelo, o tipo de penteado, de manipulação, e o sentido a eles atribuído pelo sujeito que os adota podem ser usados para camuflar o pertencimento étnico/racial, na tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da identidade negra. Mas tal comportamento pode também representar um processo de reconhecimento das raízes africanas assim como de reação, resistência e denúncia contra o racismo. E ainda pode expressar um estilo de vida. (GOMES, 2008, p.2).

Em diversas culturas o cabelo sempre teve uma representação simbólica, e há quem diga que eles podem até transmitir informações sobre o sujeito. De forma que “os cabelos são considerados em diversas culturas como elementos marcantes da construção da beleza feminina” (KING, 2015, p.8). Dandara traz em seu cabelo características de suas raízes, mas que causa estranheza para seu coleguinha que não conhece a história e características do seu povo.

Um terceiro aspecto em destaque na narrativa em análise está atrelado ao empoderamento, enquanto fator de conscientização, que se dá através do conhecimento ancestral transmitido à Dandara, momento em que esta passa a conhecer, compreender suas raízes e admirar seus ancestrais. Como já foi dito, o

---

<sup>5</sup> **Cabelo duro? Caroline afirma que não!**, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d1d0JxGTGOg>. Acesso em: 30/09/2019.

empoderar é algo voltado para o estado de conscientização do indivíduo, em que ele passa a ter a liberdade de agir de determinadas maneiras em sua vida.

Na obra objeto de estudo, é possível observar esse processo de empoderar a partir da relação da avó com sua neta Dandara. Vejamos: “– Dandara, nós somos lindas. E cada pessoa tem seu diferencial. Somos descendentes de africanos, que possuíam suas tribos, sua cultura, seus jogos, suas danças e seu jeito de vestir”. (MARQUES, 2019, s/n). Nesse momento, tem-se o olhar da vó Cenira para o seu povo, com um sentimento de reconhecimento e orgulho ao falar para sua neta sobre suas raízes. De acordo com Guillen (2013, p.7):

Os mais velhos têm o papel fundamental de mediar a relação dos vivos com os ancestrais, o que pode ocorrer de diversas formas. Contar histórias para os mais jovens sobre os ancestrais, ou aqueles homens e mulheres que de alguma maneira foram centrais para a manutenção do grupo, é a mais comum das formas de manter contato com os ancestrais, ou pelo menos aqueles que não aparecem divinizados. (GUILLEN, 2013, p.7)

É através das histórias contadas para as crianças e jovens negros que estes podem eleger seus próprios ancestrais. Conforme afirma Guillen (2013), é através da conversa com alguém mais velho que estes mantêm ligação com seus ancestrais ou aqueles que não foram divinizados, essa é umas das várias formas que se tem de conhecer as suas raízes e identidade. Através da leitura do livro podemos perceber a importância de se lê e apresentar histórias nesse sentido para as crianças, e como ajudará no desenvolvimento.

Quando a avó conta tudo que aprendeu com seus ancestrais à menina, esta, que escuta de forma empolgada, diz: “—Vovó, nós somos lindas. Você é a rainha-mãe, a mamãe, rainha, e eu, a princesa. Meu coleguinha não tinha razão em me dizer que meu cabelo e eu éramos estranhos”. (MARQUES, 2019, s/n). (ROSA, 2014, p.56-57 *apud* OLIVEIRA, 2019, p.7). Afirmam que é o conhecimento e o reconhecimento da identidade negra que possibilitarão à criança negra colocar-se em igualdade diante do outro, valorizando suas características físicas, sua cultura e sua história. As crianças negras e brancas vão se conhecendo de acordo com aquilo que veem. Por isso a importância em apresentar de forma positiva as histórias das suas raízes, uma forma de quebrar estruturas opressoras que historicamente foram nos impostas e que ainda estão muito latentes na nossa sociedade,

Em uma passagem da narrativa, Vovó Cenira diz: “--- Mas hoje estamos aqui para contar a nossa história, que é linda. E o nosso povo têm muitos ensinamentos e fez coisas incríveis. Por isso, não devemos querer ser como os outros, mas sim ser felizes e valorizar o que temos”. (MARQUES, 2019, s/n). Nessa passagem da obra, podemos verificar que a autora, através da Vovó Cenira, repassa ao leitor que conhecer sobre a sua cultura, suas raízes são essenciais para poder empoderar-se no sentido de se reconhecerem e autovalorizar-se. Concordamos com (JOVINO, 2006, p.3) quando ele diz: “É comum que os povos se orgulhem de suas histórias, tradições, mitos e lendas, pois são expressões de sua cultura e devem ser preservadas”. Daí, então, a importância de estudar a respeito ou até mesmo tornar-se um conhecedor por outras vias.

É, pois, a partir do diálogo com a sua avó que a jovem Dandara passa a se reconhecer como descendente de africano e saber que seu povo teve e tem um papel importante na história, momento em que fica sabendo também ser uma princesa. Ao conhecer e (re)conhecer como pertencente a sua ancestralidade, Dandara toma a atitude de levar uma mensagem aos seus amigos que mostra seu pertencimento e seu orgulho por ser quem é, e como é.

Na última parte da narrativa, Dandara pede à sua avó para que a ajude fazer três bonecas lindas para apresentar na feira cultural da escola, essas bonecas representarão sua mãe, sua avó e a própria Dandara. No dia da apresentação, “Dandara, então, afirma: — Eu sou uma princesa descendente de africanos. Meus traços são belos e hoje entendo isso”. (MARQUES, 2019, s/n.). A narrativa fecha dando ênfase à ideia de que, através da ancestralidade, pode haver um processo de empoderamento; assim a garota, ao descobrir dados de sua história e de sua família, cria laços com seus antepassados e com sua origem.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A leitura e discussão em torno do livro *Dandara e Vovó Cenira* possibilitaram concluir que a literatura infantil afro-brasileira pode sim, de forma positiva, ajudar no empoderamento da criança negra, através de histórias com representatividade sob uma nova dinâmica do negro na sociedade. No caso da citada obra, o caminho adotado nesta representação ocorre por meio da ancestralidade, a voz da avó; afinal

o sujeito se reconhecer como negro a partir das suas raízes e cultura é compreender de modo bastante significativo a constituição de sua identidade, bem como definição de suas ações.

Observamos, com base na obra literária citada, quão importante é para o sujeito negro a sua relação com a ancestralidade, e também como esta pode servir de inspiração para o processo de empoderamento deste, sendo ele adulto ou criança. Isso porque um dos fatores identitários na cultura Africana está no grande respeito pelos seus ancestrais, cuja valorização é transmitida de forma educativa.

Diante disso, pode-se afirmar que a narrativa proposta pela escrita da autora Livia Marques pode ajudar na leitura de uma representação positiva da criança negra, uma vez que nega espaço para o estereótipo e corporifica a ideia de beleza, valorização e pertencimento. Esta se inscreve, pois, no campo de uma literatura possível de contribuir na formação da identidade das crianças negras, assim também auxiliar a crianças não negras que, aos poucos, se inteirem dessa discussão e compreendam sobre a influência das culturas africanas, suas especificidades e riquezas. Aspectos esses que revelam a importância da memória e ancestralidade africana.

Conforme lembra Oliveira (2007), a ancestralidade é um tecido produzido no tear africano, de modo que esta surge como alicerce necessário para a construção da subjetividade negra. Nesse processo, portanto, conclui-se que a ancestralidade é bastante importante para o empoderar de uma criança, quando a esta se apresenta uma história positiva, da cultura e raízes africanas. Diante do exposto, tendo como referência a obra estudada, pode-se dizer que, por meio da literatura, é possível visualizar a alteridade, construir o pertencimento, a tomada de consciência e, assim, negar o racismo.

Por fim, destaca-se a representatividade da criança negra na literatura infantil, no sentido de como essa literatura pode ajudar na leitura e conhecimentos de questões em torno do negro, sua cultura e aspectos identitários. Questões estas que possibilitarão compreender como a literatura infantil afro-brasileira pode ajudar às crianças negras na sua formação identitária de maneira positiva.

## 5. REFERÊNCIA

ARAÚJO, D. O. **Literatura infantil e Ancestralidade Africana: o que nos contam as crianças. Momento: diálogos em Educação**, v. 28, n. 1, p. 109-126, jan/abril 2019. ISSN E-INSS 2316-3100.

BRASIL. Lei 10.639/03. **Presidência da República Casa Civil**, Brasília, p. 2, 9 janeiro 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 14 outubro 2019.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos Contos de Fadas**. Tradução de Arlene Caetano, 16ª edição - PAZ E TERRA - 2002, p.8.

FERREIRA, Ricardo Franklin. "O brasileiro, o racismo silencioso e a emancipação do afro-descendente". In: **Psicologia & Sociedade**; 14 (1): 69-86; jan./jun.2002.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. Autêntica, Belo Horizonte, p. 20, 2006.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. Autêntica, Minas Gerais, p. 2, 2008.

GUILLEN, I. C. M. **Ancestralidade e oralidade nos Movimentos Negros de Pernambuco**, p. 02-08, 2017.

HALL., S. **Identidade Cultural e Diáspora**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional., Rio de Janeiro, p. 69-76, 1996. n°24.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 2011.

HORTA, M. L. **Colorindo a história. a literatura infantil afro-brasileira de Heloisa Pires de Lima**, 2010. 1-7.

JOVINO, I. D. S. **Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil**. Centro de Estudos Afro-Orientais. Fundação Cultural Palmares. Brasília. 2006.

KING, A. M. **Os Cabelos como fruto do que brota de nossas cabeças**. Geledés Instituto da Mulher Negra, 2015. Disponível em: <[www.gledes.org.br/os-cabelos-como-fruto-do-que-brota-de-nossascabecas/#axzz3ZBeYdmWu](http://www.gledes.org.br/os-cabelos-como-fruto-do-que-brota-de-nossascabecas/#axzz3ZBeYdmWu)>. Acesso em: 3 setembro 2019.

KLEBA, M. E.; WENDAUSEN, A. **Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização**. Saúde Soc., São Paulo, v. 18, p. 733-743, 2009. n° 4.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Um Brasil para Crianças: Para conhecer a Literatura Infantil Brasileira: Histórias, autores e textos**. São Paulo: Global, 1986.

- LIMA, S. **Por que o empoderamento feminino importante ?** Nossa Causa, 2016. Disponível em: <[www.nossacausa.com/por-que-o-empoderamento-femino-e-importante](http://www.nossacausa.com/por-que-o-empoderamento-femino-e-importante)>. Acesso em: 3 setembro 2019.
- LODY, R. G. D. M. **Cabelos de Axé: Identidade e resistência.** Senac Nacional, Rio de Janeiro, p. 125, 2004.
- LUZ, M. A. P. D. C. **Representações dos personagens negros e negras na literatura infantil brasileira.** 128 f. Tese. ed. São Paulo: Universidade Nove de Julho-UNINOVE, 2018.
- MARQUES, L. D. S. **Dandara e Vovó Cenira A descoberta de si e da ancestralidade.** 2. ed. Novo Hamburgo: Sinopsys, v. 1, 2019. 32 p.
- MELO, V. L. C. **Um par de tênis novinho em folha: Elo entre fantasia e realidade.**, p. 8. 2017.
- MONTEIRO, C. Caroline Monteiro. **Cabelo Duro ? Caroline afirma que não!** Canal no Youtube de C. Monteiro, 2015. Disponível em: <[www.youtube.com/watch](http://www.youtube.com/watch)>. Acesso em: 30 setembro 2019.
- OLIVEIRA. Catraquinha, 2018. **Autora valoriza Cultura Afro para empoderar crianças.** Disponível em: <[www.primistili.com.br](http://www.primistili.com.br)>. Acesso em: 18 set 2019.
- OLIVEIRA, E. B. D.; RODRIGUES, G. M. **As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil.** ENANCIB, São Paulo, v. 9, 2008. Disponível em: <<https://www.enacib2008.com.br/cd/6%20-%20Trabalhos%20PDF>>. Acesso em: 30 Setembro 2019.
- OLIVEIRA, E. D. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente.** Editora Popular, Curitiba, 2007.
- OLIVEIRA, K. F. A. D. J. **Empoderamento de meninas, negras, identidade Racial Negra e a Literatura Infantil, Um Elo Possível.**, p.07, 2019.
- PROENÇA FILHO, D. **"A trajetória do negro na literatura brasileira"**. In: Eestudos Avançados, São Paulo, v. 18, Abril 2004. ISSN 50.
- RIBEIRO, D. **O empoderamento necessário.** geledes, 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/empoderamento-necessario/>>. Acesso em: 08 Setembro 2019.
- ROSA, A.; ROMANINI, M. **Empoderamento individual, empoderamento comunitário e conscientização. Um ensaio teórico.** In: **Psicologia e Saber social.** [S.l.], p. 85. 2014.
- SANTOS, R. D. L. **O corpo negro: a estética negra como forma de resistência ,** Paraná, p. 02, 2018.
- SILVA, A. A. D. **O empoderamento da Mulher negra nas redes sociais: Uma análise do "Blogueiras Negras"**. Santa Maria-RS, p. 23. 2017.

SILVA, J. P. D. **A construção da Identidade da criança negra: a literatura afro como possibilidade reflexiva.** Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Juiz de Fora. 2010. (78 f.). Trabalho de Conclusão do curso de Pedagogia.

SOMÉ, S. **O Espírito da intimidade.** Odysseus, São Paulo, p. 28, 2003.

SOUZA, W. D. **O negro na literatura brasileira.** Revista de Literatura, Histórias e Memórias-Revista da UNIOESTE, Cascavél, p. 47-57, 2005. ISSN 1.

ZILBERMAN, R. **A literatura na escola.** Global, São Paulo, 2005.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, e a minha Santa de devoção Nossa Senhora das Graças, pois, sem a fé neste Ser Maior seria impossível completar essa trajetória.

Agradeço ao Ruamo Ferreira, grande incentivador e namorado querido, que se desdobrou em esforços para me ajudar durante a elaboração desse trabalho. Obrigada, por está ao meu lado nesse momento, por ouvir minhas lamentações, e acreditar em mim quando nem eu mesma acredito.

Agradeço aos meus pais Isete e Damião Barbosa, meus maiores exemplo. Sou grata pelo incentivo, e todas as orações diárias que me dedicaram. Obrigada por estarem sempre ao meu lado!

Aos meus irmãos Danila Lima e José Daniélison que me apoiaram e sempre me passavam uma palavra de ânimo.

Agradeço a todos os meus familiares que torceram por mim, em especial a Leonnilsa Lima.

Agradeço a Jaqueline Lima, minha colega de sala, por ter me ajudado sempre que precisei.

Agradeço as minhas colegas de viagem para universidade Gislaine Costa e Jocieli Pereira.

Sou grata aos meus queridos mestres que acompanharam meus estudos durante esses cinco anos e, em especial, a professora Dr<sup>a</sup>. Maria Suely da Costa por todo apoio, atenção e dedicação para me orientar nesse artigo. Vocês me inspiraram a me tornar uma profissional melhor a cada dia.

Agradeço a todos meus colegas de sala pelos aprendizados que juntos compartilhamos, pesquisas, conhecimentos e momentos que jamais serão esquecidos.

A esta instituição UEPB tão imponente eu agradeço pelo ambiente propício à evolução e crescimento, bem como a todas as pessoas que tornam assim tão especial para quem conhece. Tenho esse lugar como meu segundo lar.